

EMPIRISMO E FORMALISMO NA INVESTIGAÇÃO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA EM CURSO^{1*}

Maria Eugênia Lammoglia Duarte^{2**}

RESUMO

Este artigo apresenta o percurso do estudo de um processo de mudança em curso no português brasileiro, a remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo, de positivo para negativo, utilizando como modelo de estudo da mudança a Teoria da Variação de Mudança Linguística (TVM) e como componente gramatical, indispensável para pôr em prática tal modelo, pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros, no levantamento de hipóteses e na busca de respostas para as questões empíricas colocadas pela TVM, especialmente as restrições, a implementação, a transição e o encaixamento linguístico. Os procedimentos para a coleta e análise de dados, retirados de amostras diacrônicas e sincrônicas, seguem os passos da metodologia desenvolvida pela Teoria da Variação. Os resultados aqui apresentados nos permitem não só defender que a associação dos dois modelos é só compatível como também constitui eficiente ferramenta para tratar da mudança sintática, permitindo generalizações e trazendo contribuições para as discussões que envolvem o Parâmetro do Sujeito Nulo.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Variação e Mudança. Parâmetro do Sujeito Nulo. Morfologia flexional. Proeminência de tópico.

ABSTRACT

This article presents the course of a process of change in progress in Brazilian Portuguese, the resetting of the value of the Null Subject Parameter, from positive to negative, using as a model to study language change the Theory of Language Variation and Change, and as a grammatical component, essential to carry out the study of language change, some assumptions of the Principles and Parameters Theory, in order to raise hypothesis and find the answers to the empirical problems proposed by the TVM, particularly the constraints, the actuation, the transition and the linguistic embedding. The procedures to select and analyze data, coming from

1 *Este artigo é resultado da conferência apresentada, em dezembro de 2011, como uma das exigências do Concurso de Provas e Títulos para Professor Titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ. Por motivos óbvios, serão feitas pequenas alterações, incluindo publicações posteriores com resultados de investigações recentes.

2 ** Professor Titular de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora 1B do CNPq (Processo 307158/2014-4). Email: eugenia@brazilmail.com

synchronic and diachronic corpora, follow the methodology developed by TVM. The results presented here allow us to argue that the association of the two models is not only compatible but also an efficient tool to deal with syntactic change, allowing generalizations and bringing contributions to discussions related to the Null Subject Parameter.

KEY WORDS: Theory of Language Variation and Change. Null Subject Parameter. Inflectional morphology. Topic prominence.

Introdução

Este artigo está organizado da seguinte maneira: inicialmente apresento o quadro teórico que tem orientado minha pesquisa e, para isso, preciso voltar um pouco no tempo para esclarecer alguns equívocos que a perspectiva adotada provocou nos anos 1980. Isso me fará recuar aos anos 1960 para uma breve revisão do modelo de estudo da mudança então proposto. Feita essa introdução, passo a mostrar o percurso de uma investigação que venho desenvolvendo desde a minha Tese de Doutorado, seja por meio da realização de projetos individuais, seja em parceria com minha orientadora, Mary Aizawa Kato, com meus colegas de pesquisa e meus orientandos de IC e de Pós-Graduação na Faculdade de Letras da UFRJ. Finalmente, faço um balanço do alcance do modelo teórico utilizado na descrição de fenômenos de mudança sintática no português do Brasil dentro de uma perspectiva interlinguística.

A proposta de Weinreich, Labov e Herzog para o estudo da mudança linguística

A publicação, em 1968, do clássico texto de Weinreich, Labov & Herzog (W, L & H, daqui em diante), “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, está no centro da polêmica que vou mencionar brevemente, porque ela faz parte do relato que segue. A tradução recente desse longo artigo em 2006 pela parábola editorial traz prefácio de Carlos Alberto Faraco, que facilita e orienta a leitura de um texto denso, situando-o no contexto histórico em que foi produzido e apresentado pela primeira vez: um congresso de Linguística Histórica realizado na Universidade do Texas em 1966 – há exatos 49 anos – num gesto de retomar os estudos diacrônicos, ou melhor, de mostrar que separar diacronia e sincronia não fazia sentido, se se tem em mente o fato de que as línguas são sistemas em constante variação.

O texto traz a público um panorama crítico dos estudos linguísticos que se desenvolviam ao longo do século XIX, mais precisamente o Estruturalismo e o Gerativismo, voltados para os estudos sincrônicos; além de aspectos positivos, W, L & H criticam naquelas teorias linguísticas a ausência do componente social e da heterogeneidade que caracteriza uma comunidade de fala. A proposta apresentada pelos autores está centrada no tratamento da variação e da mudança linguística fundamentada num conjunto de resultados de análises empíricas que permitiam propor generalizações ou princípios relevantes para embasar teoria da mudança linguística.

Em nenhum momento, porém, os autores de “Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística” deixaram de reconhecer que apresentavam **um modelo teórico de estudo da mudança e não uma nova teoria linguística**. Teorias linguísticas já havia várias. E sem uma teoria linguística, como levar a efeito um modelo de estudo da mudança, cujo primeiro problema (ou questão) era **levantar os contextos estruturais que favorecem ou inibem a entrada de**

uma nova forma no sistema? Como levantar hipóteses que justificassem e orientassem a pesquisa? Como buscar identificar o que teria permitido a entrada de uma forma inovadora no sistema linguístico e quais as consequências resultantes dessa entrada? Em outras palavras, como entender de que maneira um determinado traço se “implementa” e se “encaixa” no sistema linguístico sem uma teoria da linguagem associada ao modelo de mudança?

Os trabalhos de Labov, por exemplo, voltados para a variação e mudança fonológica, não teriam sido levados a cabo sem os modelos de teorias fonológicas disponíveis (entre os quais, aliás, a fonologia gerativa) – que lhe permitiram descrever as formas em competição, explicar a direcionalidade da mudança e propor uma solução para a controvérsia neogramática, por exemplo, entre inúmeros outros estudos. Esta talvez seja a questão que tenha passado despercebida: a Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Variacionista era vista (e ainda é!) ou como uma **teoria linguística** por uns ou como uma **simples metodologia de pesquisa** por outros.

E não é uma coisa nem outra: a Teoria da Variação e Mudança (TVM daqui em diante) ou Sociolinguística Variacionista, introduzida formalmente em 1966, e publicada em 1968, era **uma teoria de estudo da mudança**, com os princípios que lhe conferem tal estatuto, com uma concepção de gramática inerentemente heterogênea. Além de seus pressupostos teóricos, ela trazia **um aparato metodológico** para realizar suas análises empíricas, **desde que** associadas a uma teoria linguística. Talvez essa associação indispensável fosse assumida de um modo tão óbvio que não se atentava para ela; talvez a noção de **variável sociolinguística** fosse tão clara, tão indiscutível, no nível fonético-fonológico, que fazia **a teoria da linguagem** utilizada pelo pesquisador parecer **invisível**.³

Considerando os pontos-chave dos achados de W, L & H – a variação inerente ao sistema linguístico, o caráter ordenado da variação, a forma organizada pela qual o sistema muda – seria impossível que naquele momento se pudesse pensar em compatibilizar tal perspectiva com a que orientava a Teoria Gerativa em seus primórdios – a busca de princípios universais a partir de poucos dados fornecidos pela intuição do falante, dispensando as análises empíricas. W, L & H, na realidade, reclamam explicitamente do fato de que a teoria gerativa tivesse abordado “os problemas históricos de modo apenas marginal” (W, L & H, p. 60). Como veremos, a seguir, a preocupação com a mudança só viria a fazer parte da agenda gerativista a partir dos anos 1980, o que fez com os dados Língua-E, que serve de *input* para a aquisição da linguagem, passassem a ter atenção.

Quando Fernando Tarallo escreveu o artigo-manifesto intitulado “Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica””, com o adjetivo “paramétrica” entre aspas, publicado em 1987 na Revista *Ensaio de Linguística*, da UFMG, o autor menciona, num artigo anterior, a polêmica que sua proposta provocara, ao assumir que sua posição era “a desmistificação de alguns pré-

3 Os primeiros trabalhos variacionistas empreendidos no Brasil sob a orientação de Anthony Naro, na PUC-RJ, sobre variação no nível morfossintático, não deixam dúvida de que seria impossível começar a levantar os grupos de fatores sem uma teoria linguística – todos os trabalhos sobre variação no nível morfossintático utilizam pressupostos da Teoria Funcionalista, além de descrições sintáticas tradicionais. Vejam-se os trabalhos pioneiros de Mollica (1977) sobre as estruturas relativas e o de Omena (1978) sobre o desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa e o desaparecimento do acusativo anafórico, substituído pela ‘anáfora zero’, que seria tratado a partir dos anos 1990 como ‘objeto nulo’, dentro do quadro gerativista. Ver ainda Pagotto (2006) para uma brilhante explanação de como se desenvolve o estabelecimento de uma variável nos diferentes níveis da gramática.

conceitos correntes na linguística” de então:

1. que as análises de base empírica têm por motivação primordial falsear as análises de modelos psicológicos; 2. que as análises empiristas são incapazes de recuperar a sistematicidade na diversidade; 3. que análises empiristas e ‘racionalistas’ de um mesmo fenômeno não possam ser compatíveis entre si (TARALLO, 1986: 76).

De fato, a reação, como previra Tarallo (1986), foi imediata. Afinal, como compatibilizar teorias irreconciliáveis? A questão epistemológica em que se centra o artigo de Borges Neto (1989) sobre a incomensurabilidade dos dois modelos teóricos propostos por Tarallo (1986), a Teoria da Variação e Mudança, centrada no uso, e a Teoria Gerativa, centrada no conhecimento linguístico do indivíduo, tinha razão de ser: parecia mesmo uma heresia tentar juntar uso da língua (desempenho) e conhecimento da língua (competência). Como compatibilizar teorias com objetos tão distintos? Dados empíricos de um lado e a busca da arquitetura da gramática universal de outro!

Quando se considera o momento histórico em que a polêmica ocorreu, entretanto - 20 anos depois da publicação de “Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança” – o cenário era outro: a preocupação gerativista, já mergulhada no modelo de Princípios e Parâmetros, fornecia ao pesquisador da mudança sintática um quadro tentador – as propriedades elencadas como conjuntos de traços relacionados a determinada marcação do valor de um parâmetro da Gramática Universal (GU) poderiam orientar a busca de respostas para o *encaixamento* da mudança dentro do modelo laboviano. Rizzi em um texto não publicado de 1988, curiosamente intitulado “The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar”, que apareceria mais tarde, devidamente atualizado, em 1997, não ignora a possibilidade de um sistema mudar a marcação do valor de um parâmetro da Gramática Universal, ao afirmar que:

a teoria de parâmetros tem **um importante potencial explanatório em relação à mudança linguística** (grifo meu), um potencial que os linguistas começaram a explorar em torno dos últimos cinco anos (LIGHTFOOT 1991; Roberts 1992). Se uma propriedade P diretamente ligada a um determinado valor paramétrico muda no curso da história de uma língua, nós podemos predizer que outra propriedade dedutivelmente relacionada a P mudará também” (RIZZI, 1997: 277).⁴

Está aí um caminho que permite fazer as correlações entre mudanças aparentemente independentes (ou então até mesmo rever certos feixes de propriedades atribuídos a um determinado valor paramétrico). Em outras palavras, está aí uma pista para o variacionista que busca entender o *encaixamento* da mudança no sistema linguístico e até mesmo predizer que outra mudança a ela relacionada poderá ocorrer. É o que eu procuro mostrar no desenvolvimento deste artigo.

Não surpreende, pois, que Tarallo (1986) percebesse que a Teoria de Princípios e Parâmetros, como ele mesmo lembra, ainda na infância nos anos 1980, lhe permitiria interpretar a variação interna observada no português brasileiro na tentativa de entender o seu comportamento no contexto das línguas românicas, relacionar estruturas superficiais aparentemente independentes

4 “The theory of parameters has an important explanatory potential with respect to language change, a potential that linguists have stated to exploit in the last five years or so (LIGHTFOOT, 1991; ROBERTS, 1992). If a property P directly linked to a given parameter value changes in the course of the history of a language, we predict that the other properties deductively linked to P will change as well.” (RIZZI, 1997: 277)

e anunciar o que se poderia prever a partir das propriedades associadas aos parâmetros, cuja descrição vinha sendo desenvolvida e aperfeiçoada desde Chomsky (1981), com as contribuições que se seguiram nos anos 1980 e continuam a surgir.

Assim, quando Tarallo, em 1987, propôs fazer uma leitura “paramétrica” dos resultados de pesquisas realizadas sobre fenômenos semelhantes em processos de mudança nas línguas românicas, procurando, a partir da comparação, observar o percurso da mudança, os limites da variação, não estava, como se supôs, cometendo uma heresia, já que a teoria gerativa àquela altura, dentro do modelo de Princípios e Parâmetros, “incorporava uma nova dimensão de análise: a variação intersistêmica”. Não era sua intenção “romper barreiras ou confundir domínios”, mas mostrar o quanto se poderia ganhar fazendo uma leitura de dados translinguísticos para chegar a generalizações menos indutivas e mais dedutivas. Entretanto, o autor não deixa de ressaltar que era ingênuo supor que o cunho eminentemente empirista da TVM se resumisse a “um acúmulo de números, porcentagens e probabilidades, cujo alcance fica restrito a casos particulares” (TARALLO, 1987: 55).

Sua leitura *parametrizada* dos fatores que atuam em diversos processos de variação e mudança fonológica e morfossintática, em diferentes línguas românicas, traz importantes generalizações translinguísticas e incentiva estudos em sintaxe comparativa. Hoje, os frutos colhidos sob inspiração da proposta formalizada oficialmente em Tarallo e Kato (1989 [2007]), apresentados pela primeira vez por Mary Kato em mesa-redonda durante um seminário organizado por Dermeval da Hora na UFPB em 1997 e publicado em 1999, sob o título: “Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intralinguística” - são conhecidos e só confirmam o que Tarallo não pôde testemunhar em sua plenitude. A tradução de W, L & H (2006), já mencionada, é seguida de um artigo, à guisa de posfácio, que eu tive a honra de escrever em parceria com Maria da Conceição de Paiva, colega do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras (UFRJ); nele apresentamos um balanço parcial da herança da aplicação desse programa na linguística brasileira sem deixar de mencionar as diversas teorias linguísticas associadas a tal aplicação.

Se retomei aqui essa polêmica, foi porque a reedição do texto de Borges Neto em 2004, 17 anos depois da discussão, sem uma contextualização do momento em que o artigo foi escrito, quando de fato empiristas e formalistas estavam em campos de batalha opostos, ainda confunde os jovens dos cursos de pós-graduação. Não custa, pois, lembrar sempre que os resultados das pesquisas são a evidência de que o “casamento”⁵, apadrinhado por Charlotte Galves, deu certo e continua a render frutos quando se quer observar processos de mudança sintática em curso.

Como discípula de Tarallo e Mary Kato, minha pesquisa tem procurado pôr em prática o estudo da variação e mudança nos moldes de W, L & H, utilizando como componente gramatical a descrição sintática oferecida pela Teoria Gerativa dentro da versão de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981 e reformulações e refinamentos subsequentes). Parto do trabalho empírico, guiado especialmente por quatro das cinco questões que devem ser respondidas por quantos se preocupam em investigar a mudança em curso: o problema das *restrições* (ou fatores

5 “Refletindo hoje sobre o fato incontestável de que a aplicação da TVM pressupõe um componente gramatical, sem o qual não há fenômeno a estudar, vejo hoje que é inadequado falar em “casamento”. Também considero inadequado confundir a utilização de uma teoria gramatical para desenvolver um estudo de mudança com estudo de interface.

condicionantes que impulsionam ou refreiam o curso de uma forma inovadora no sistema); o problema da *implementação* (que se preocupa com a origem e a propagação da mudança), estando intimamente ligado às restrições; o problema da *transição* (ou os diferentes estágios que podem ser observados no curso de um processo de variação e mudança) e o problema do *encaixamento* (buscando responder como determinado traço se encaixa no sistema linguístico e social circunstantes. No caso do encaixamento linguístico, a falta de uma teoria linguística nos deixaria sem resposta; no caso do encaixamento social, que é ponto de partida na constituição de nossas amostras, este é uma constante em toda a pesquisa sociolinguística, embora seja preciso ter ciência de que, nos estágios iniciais e finais de uma mudança, as correlações com fatores sociais são mais difíceis de capturar.

A busca de respostas para essas questões empíricas ilumina o caminho que tem orientado as minhas investigações: todas as perguntas estão em W, L & H, enquanto as respostas, as correlações possíveis, as predições vêm da Teoria de Princípios e Parâmetros. Esta é a teoria linguística que me auxilia a pôr em prática esse trabalho empírico e a tentar extrair dos dados da Língua-E(xterna) generalizações que me permitam chegar a uma representação da Língua-I(nterna), ciente de que um determinado parâmetro da GU pode mudar seu valor no curso da história de uma língua. Passo então a apresentar o percurso de uma pesquisa e a forma como foi sendo travado o diálogo, no presente caso indispensável, entre a TVM e o quadro de Princípios e Parâmetros (P&P).

O percurso de uma pesquisa – acompanhando a remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo

Os primeiros passos – o paradigma flexional e os sujeitos referenciais

Comecei a pesquisa investigando, num estudo em tempo real de (relativamente) longa duração (DUARTE, 1993), a mudança que envolve a posição estrutural do sujeito no português do Brasil (PB), ou seja, buscando evidências da mudança relacionada à remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), sob a hipótese de que a redução no paradigma flexional verbal, motivada pela inserção dos pronomes *você* e *a gente* (cf. OMENA, 1986, 1996; LOPES, 1993, 1999, 2003; MENON, 1996, entre muitos outros), que se combinam com a forma verbal de desinência zero, idêntica à da 3ª. pessoa do singular, seria o elemento desencadeador do aumento de pronomes-sujeito expressos, um fenômeno já observado em análises variacionistas sincrônicas, utilizando como componente gramatical a Teoria Funcionalista (LIRA, 1982, para a fala carioca e PAREDES SILVA, 1988, com base em cartas pessoais cariocas).

Minha hipótese se sustentava nos achados de Roberts (1992), a partir de seu estudo sobre o francês antigo e médio. O autor constatou que há um limite de oposições para que um paradigma flexional identifique um sujeito nulo: um paradigma *formalmente rico* seria o do italiano, por exemplo; um paradigma *funcionalmente rico* poderia exibir até um sincretismo (a mesma forma para designar pessoas diferentes) e uma desinência zero. A amostra de peças teatrais⁶ que utilizei, todas escritas e ambientadas no Rio de Janeiro, voltadas para gêneros mais populares, como as comédias de costumes, da primeira metade do século XIX até os anos 1930 -1940, ou as peças urbanas com

6 As peças utilizadas na investigação de 1993 ou se encontram publicadas ou foram disponibilizadas pela SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, Rio de Janeiro. As referências se encontram em Duarte (2012).

Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

temáticas populares inseridas em seu tempo, que aparecem a partir dos anos 1950, permitia identificar três paradigmas pronominais/flexionais distintos, como mostra a Figura 1, que reúne as três pessoas do discurso e mostra no eixo horizontal o ano em que cada peça foi escrita.

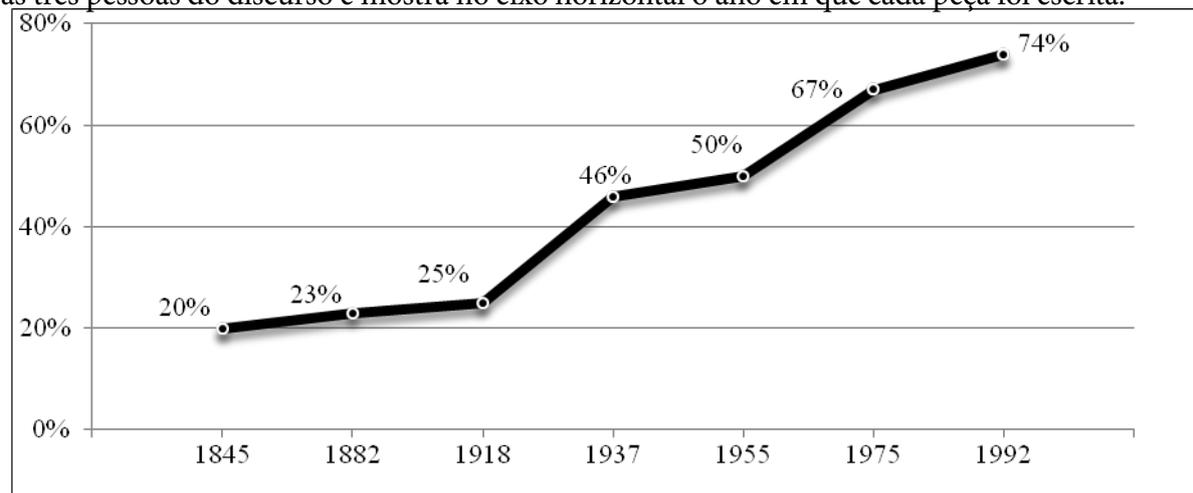


Figura 1: Sujeitos pronominais definidos expressos (vs nulos) ao longo de sete períodos (adapt. de Duarte, 1993:112)

As três primeiras sincronias, representadas pela primeira e segunda metades do século XIX e pelo primeiro quartel do século XX (1918), apresentavam um quadro verbal com mais oposições, em que *tu* e *você* apareciam em distribuição complementar, segundo o grau de intimidade / cortesia; as duas peças seguintes, representativas dos anos 1930 e 1950, já não exibiam o pronome *tu*⁷; nas duas últimas, escritas na década de 1970 e na de 1990, o novo pronome *a gente* já se apresenta em forte concorrência com o pronome *nós*; o pronome *tu* retorna na última peça, mas já em variação com *você*, sem distinção de cortesia e sem a desinência verbal canônica:

Pode-se constatar que o aumento de sujeitos expressos acompanha a redução gradual do paradigma flexional: nos três primeiros períodos, o sujeito nulo é a estrutura predominante, ficando os expressos em torno de 22%; em 1937 e 1955, com o paradigma reduzido, atestamos uma distribuição regular, entre 46% e 50%; nas duas últimas sincronias, os sujeitos expressos já superam os nulos, com o último período apresentando um resultado praticamente inverso aos dos três primeiros períodos.

Tal crescimento de sujeitos expressos, entretanto, não corresponde a uma relação direta com a ambiguidade da forma verbal, ou seja, sujeito expresso *se* flexão não distintiva / sujeito nulo *se* flexão distintiva, nem a mudança se dá de maneira regular nas três pessoas do discurso. A Figura 2 nos mostra essa distribuição:

7 Certamente o uso exclusivo de *você* pode se dever a uma escolha do autor; outros autores que continuam a usar *tu* e *você* a partir dos anos 1930 já exibem a mistura de tratamento com o mesmo interlocutor, tanto no quadro nominativo quanto nas funções oblíquas, o que confirma a inserção de *você* no nosso quadro pronominal (ver LOPES e CAVALCANTE, 2011, entre vários outros)

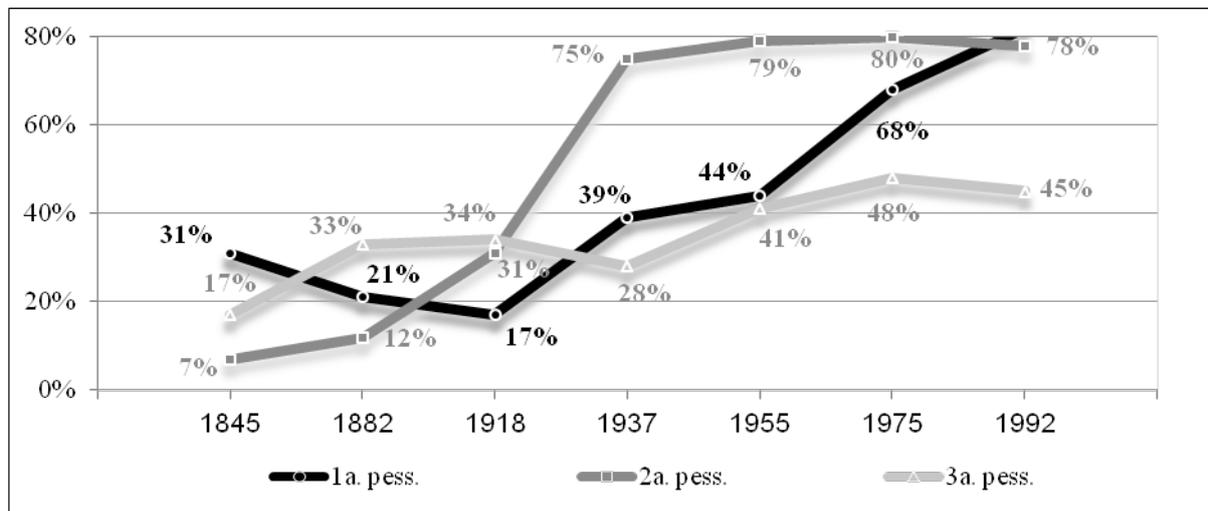


Figura 2: Sujeitos pronominais de referência definida expressos (vs nulos) ao longo de sete períodos por pessoa do discurso (adapt. de Duarte, 1993: 117)

Mais uma vez, vemos certo equilíbrio nas três primeiras sincronias, com predomínio de sujeitos nulos, mas, a partir dos anos 1930, a mudança se propaga mais rapidamente na 1ª. e 2ª. pessoas: partimos de 31% de sujeitos expressos de 1ª. pessoa e chegamos a 82% em 1992; na 2ª. pessoa, começamos com 7% para alcançar 78% no final da linha de tempo (é preciso destacar que, nas três primeiras sincronias, quando *tu* e *você* coexistem em distribuição complementar, não há diferença significativa nos percentuais de nulos para a segunda pessoa indireta e a direta (cf. Duarte, 1993: 113). Na terceira pessoa, os reflexos da mudança gramatical se fazem sentir de modo mais gradual – de 17% na primeira sincronia chegamos a 45% no texto escrito da peça de 1992.

A observação de alguns exemplos dos três primeiros períodos permite constatar como se comporta uma língua de sujeito nulo prototípica (dentro do grupo românico) e como um paradigma *rico* permite identificar sujeitos nulos de 1ª. e 2ª. pessoas independentemente da relação sujeito nulo e desinência distintiva:

- (1) a. Quando \emptyset_{1ps} te vi pela primeira vez, \emptyset_{1ps} não sabia que \emptyset_{2ps} eras viúva e rica. \emptyset_{1ps} Amei-te por simpatia. (*O noviço*, Martins Pena, 1845)
 b. \emptyset_{2ps} Terá o cavalo que \emptyset_{2ps} deseja. (*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918)

Na terceira pessoa, o sujeito é nulo estando seu antecedente numa posição sintaticamente acessível, isto é, na mesma função, seja dentro do período, seja numa sentença adjacente (o que Calabrese (1986) considera um antecedente sintaticamente acessível e, em termos funcionalistas, constitui o que Paredes Silva (1988) define como um grau de conexão discursiva ótimo, consistindo no contexto preferencial de sujeito nulo nas línguas que têm essa opção), como mostra (2a). Se o antecedente aparece numa outra função sintática, estando, pois, menos acessível sintaticamente, o sujeito nulo ainda é a opção preferida, nas três primeiras sincronias, como vemos em (2b):

- (2) a. [Tua filha]_i lamentar-se-á, \emptyset_i chorará desesperada, não importa. Depois que \emptyset_i estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo, \emptyset_i abençoará o teu nome e, junto ao altar, no êxtase de sua felicidade e verdadeira tranquilidade, \emptyset_i rogará a Deus por ti. (*O noviço*, Martins Pena, 1845)
 b. Já ontem comprei-[**lhe**]_i o hábito com que \emptyset_i andarà vestido. Assim \emptyset_i não estranhará. \emptyset_i Será frade feliz. (*O noviço*, Martins Pena, 1845)

E o que dizem os resultados para os dois últimos períodos? Que características apresentam os sujeitos nulos que ainda ocorrem? Os exemplos em (3) revelam sujeitos nulos nos mesmos contextos preferenciais (ou contextos-chave) das línguas [+sujeito nulo], seja na 1^a. e 2^a. pessoas, como em (3a, b, c):

- (3) a. \emptyset_{1ps} Não posso mais ficar aqui a tarde toda não. \emptyset_{1ps} Tirei quatro notas vermelhas. \emptyset_{1ps} Preciso dar um jeito na minha vida. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)
- b. **Eu**_i não sei se \emptyset_{1ps} vou conseguir numa sessão só. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)
- c. Se \emptyset_{2ps} não conseguir, é melhor largar de vez esse curso de inglês. Senão \emptyset_{2ps} acaba igual à Margareth. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

Seja na 3^a. pessoa, tanto nas construções prototípicas de sujeitos nulos (um antecedente na função de sujeito na sentença adjacente como em construções de subordinação com sujeitos correferentes), como nas estruturas em (4):

- (4) - O que é que [**o nosso anjo**]_i tem hoje?
 - \emptyset_i Tá com essa cara desde que \emptyset_i chegou do ginásio. \emptyset_i Nem foi em casa almoçar.
 - Com certeza \emptyset_i vai ficar novamente em segunda época. Desde que \emptyset_i chegou que \emptyset_i não pára de olhar a caderneta. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

Com o antecedente em outra função, os sujeitos nulos já são mais raros, embora ainda ocorram, como mostra (5):

- (5) Você precisava ver a cara d[**ele**]_i quando \emptyset_i percebeu que o “pega pra capar” não era só força de expressão. (*A Mulher Integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

Entretanto, em todos esses padrões, o que predomina nas duas últimas peças (excetuando a terceira pessoa, cujo comportamento diferente logo será desvendado) são sujeitos expressos em praticamente todos os contextos, incluindo aqueles em a que a conexão discursiva (ou acessibilidade sintática do antecedente) é ótima, uma evidência da perda da propriedade primeira das línguas de sujeito nulo do grupo românico⁸ (exemplos de *No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992):

- (6) a. Se **eu** ficasse aqui **eu** ia querer ser a madrinha.
 b. **Você** não entende meu coração porque **você** ‘tá sempre olhando pro céu e procurando chuva.
 c. Do que **tu** tá falando?
 d. Agora **ele** não vai mais poder dizer as coisas que **ele** queria dizer.
 e. Se [**a criança**]_i não recebe uma alimentação eficaz **ela**_i fica em desvantagem pro resto da vida.

Por um lado, a hipótese inicial se confirma e nos vemos diante de uma nova gramática, com sujeitos quase categoricamente expressos na 1^a. e 2^a. pessoas; por outro lado, vemos uma competição entre sujeitos nulos e expressos da terceira, o que sugere uma opcionalidade que

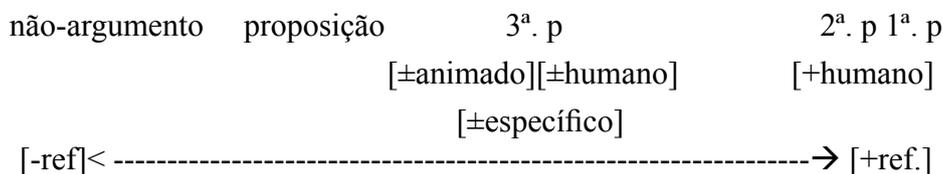
8 Tais ocorrências, que já evidenciam a nova marcação do PB como um sistema [-sujeito nulo] acabam por ser tratadas, equivocadamente, como redundância!

não combina com uma língua positivamente marcada em relação ao PSN. Para a variacionista, os dados diziam que a forma inovadora começava a se implementar pelos contextos em que o sujeito nulo não era esperado e resistia naqueles contextos-chave (e, portanto mais fortes) das línguas de sujeito nulo. Para a gerativista, os dados das três primeiras sincronias revelavam a gramática do português europeu, ainda ensinada nas escolas, enquanto os períodos seguintes passam a refletir a gramática do PB, com o valor do parâmetro já remarcado, convivendo com reflexos de uma gramática antiga (Cf. KROCH, 1989). Ou seja: a diferença entre essas duas conclusões era estar diante de duas variantes dentro de uma mesma gramática num campo de batalha ou de resíduos de uma gramática antiga que ainda se deixavam ver nos dados. É claro que isso está ligado à concepção de gramática mencionada na primeira seção. Ficavam algumas perguntas: por que esse comportamento da 1ª. e 2ª. pessoas é tão diferente do da terceira? E por quanto tempo essa resistência perduraria?

O papel da referencialidade do sujeito na mudança

Os resultados apresentados na seção precedente, aliados aos achados de Cyrino (1993; 1994) para o percurso diacrônico do objeto nulo, utilizando igualmente peças de teatro, levam Cyrino, Duarte e Kato (2000) a uma interessante generalização sobre os processos de mudança que envolvem pronomes ao longo de uma hierarquia referencial:

Hierarquia referencial



(CYRINO, DUARTE e KATO, 2000: 59)

Segundo a hierarquia proposta, os argumentos com o traço [+h] se situariam no ponto mais alto da hierarquia, enquanto os não argumentos se situariam no ponto mais baixo. Assim, os pronomes de 1ª. e 2ª. pessoas, inerentemente [+h], estão no ponto mais alto da hierarquia, seguidos da 3ª. pessoa, em que os traços [±humano] e [±animado] interagem com o traço [±específico]. Num ponto ainda mais baixo estariam os pronomes que retomam uma proposição (uma estrutura oracional), ou seja, os pronomes neutros; finalmente, no extremo oposto, estariam os não argumentos, elementos sem conteúdo semântico, representados foneticamente na posição de sujeito em algumas línguas e categoricamente nulos em outras.

A hipótese do “mapeamento implicacional” subjacente a essa hierarquia era a de que quanto mais referencial o item maior a chance de um pronome expresso. E uma variante nula num ponto da hierarquia pressupõe variantes nulas à sua esquerda. No caso da propagação do objeto nulo (que atinge objetos proposicionais e de terceira pessoa), este é o percurso encontrado por Cyrino (1993; 1994): os objetos que retomam uma proposição ou uma oração já exibiam variação nos dados do século XVIII entre um clítico neutro e um objeto nulo. Os índices de objeto nulo aumentam significativamente ao longo do século XIX, atingindo, inicialmente, objetos de terceira pessoa com antecedentes com o traço [-h/-esp] (*um retrato*, por exemplo), em seguida os [-h/+esp] (como *o retrato*) e, como, esperado, encontram mais resistência aqueles com antecedentes com o traço [+h/+esp].

Estudos sobre a língua oral, incluindo o mencionado trabalho pioneiro de Omena (1978), revelam que a mudança progrediu em todos os contextos e que até mesmo um objeto anafórico com o traço [+humano] é preferencialmente nulo nas construções SVO, e a tendência a realizá-lo foneticamente está relacionada ao fato de não se tratar de um objeto, mas um sujeito de minioração, como em (*acho [ela legal]*) ou um sujeito de sentenças infinitivas com verbos causativos (*mandei [ele fazer]*), de permissão (*deixei [ele fazer]*) e de percepção (*vi [ele fazer]*), sujeitos marcados com o caso acusativo, mas que o PB prefere representar com *ele* acusativo e não com o clítico. Não faço aqui o percurso detalhado da mudança envolvendo o objeto nulo por fugir ao escopo deste artigo. Basta observar que ele se implementa da esquerda para a direita, a partir dos antecedentes posicionais.⁹

Com o preenchimento do sujeito se deu, naturalmente, o percurso inverso, com a mudança se iniciando pelos itens mais referenciais, o que explica a rápida implementação dos sujeitos expressos de 1^{a.} e 2^{a.} pessoas, como vimos na Fig. 2; explica também por que o percurso é mais lento com os sujeitos de 3^{a.} pessoa. A amostra de Duarte (1993) limitada a uma peça por período, não continha número suficiente de dados de terceira pessoa, embora já permitisse inferir que sujeitos com o traço [+humano] teriam um comportamento diferente. Só em Duarte, Mourão e Santos (2012), com o aumento da amostra, mantendo suas características originais, viriam evidências empíricas sobre a atuação da hierarquia referencial na representação do sujeito de 3^{a.} pessoa. A interação dos traços [+h/+esp] favoreceria o sujeito expresso, enquanto sujeitos com referentes com os traços [-h/±esp] atuariam como contextos de maior resistência ao preenchimento. Essa força do traço [+h] no processo pode ser observada igualmente na representação dos sujeitos de referência *indeterminada*: com base na mesma amostra, Vargas (2012) mostraria que tais sujeitos, não incluídos na hierarquia proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), que exibem o traço inerentemente [+h], embora associado ao traço [+genérico] (que pode incluir o falante) ou [+arbitrário] (que exclui o falante), também tenderiam a ser expressos, atestando a atuação da hierarquia referencial.

Assim, as estratégias pronominais de indeterminação, que eram antes expressas pelo clítico *se* e pelo verbo na 3^{a.} pessoa do plural com o sujeito nulo, ilustradas em (7a), passam a exibir o pronome pessoal expresso em variação com o nulo nas peças mais recentes (7b); o uso da 1^{a.} pessoa do plural (7c), que igualmente é atestado, exibe, na análise de Vargas (2012), uma curva descendente, enquanto o uso de *a gente*, que se expande na segunda metade do século XX e de *você*, que cresce significativamente no último quartel desse século (7d,e), tendem a ser expressos, acompanhando os resultados encontrados para a fala espontânea:

- (7) a. Em breve \emptyset_{arb} **matam**-lhe a inteligência e \emptyset_{arb} **fazem** do homem pensante uma máquina, e assim **se**_{arb} gasta uma vida! (*O Noviço*, Martins Pena, 1845)
- b. **Eles**_{arb} deveriam ensinar amor às crianças. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)
- c. Pronto, chegou o outro estudante. Um pouco mais e **nós**_{gen} vamos ter um curso de verão aqui. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)
- d. Quando **a gente**_{gen} tem vontade de comer telha é porque a barriga é das brabas. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

9 Para um mapeamento sociolinguístico das funções acusativa, dativa e reflexiva, ver Duarte e Ramos (2015). *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

e. O segredo é não se importar. Se **você_{gen}** não se importar, **você_{gen}** acaba dormindo. Mas **você_{gen}** precisa não se importar de verdade. (*Como encher um biquíni selvagem*, Miguel Falabella, 1992)

A Fig. 3 mostra a evolução dos sujeitos de 3ª. pessoa com o traço [\pm humano] combinado com o traço [+específico]; as combinações com [-específico] são muito raras, inviabilizando sua representação em gráfico (veja-se, porém, no texto citado, a Tabela 2 com a distribuição dessas ocorrências, devidamente exemplificadas). Ainda na mesma Fig. 3 apresentamos uma linha para a evolução dos sujeitos indeterminados ou genéricos expressos, excluindo o uso do clítico *se*, que, aliás, segue curva descendente na análise de Vargas (2012):

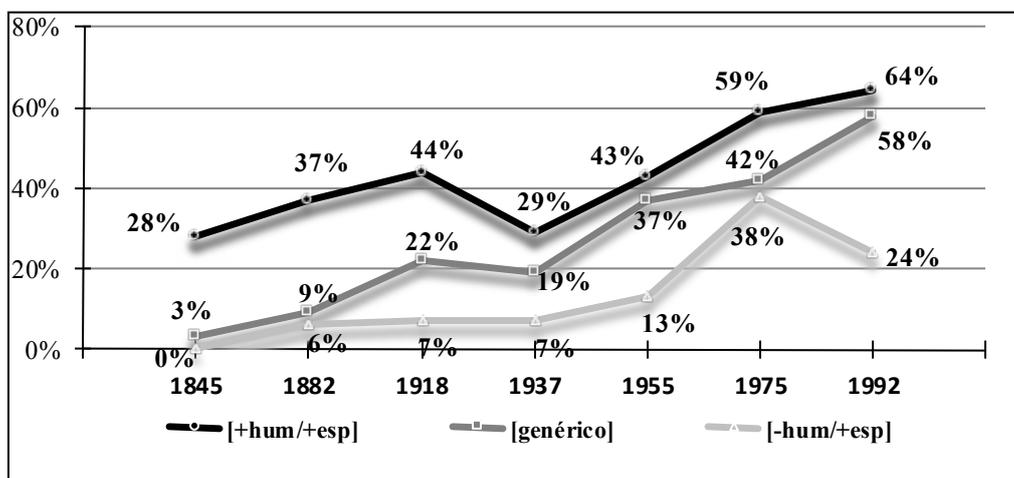


Figura 3: Sujeitos de 3ª. pessoa, segundo o feixe de traços semânticos, e indeterminados expressos (vs nulos) ao longo de sete períodos por pessoa do discurso (adapt. de Duarte, Mourão e Santos, 2012: 39 e Vargas, 2012: 60)

Os percentuais deixam clara a atuação do traço [+hum] na realização fonética do sujeito pronominal. Vemos que nas duas últimas sincronias, os sujeitos de 3ª. pessoa com esse traço exibem 59% e 64% de preenchimento e já se aproximam dos sujeitos de 1ª. e 2ª. pessoas, que alcançaram 82% e 78%, respectivamente, no último período (cf. Fig. 2). Quanto à linha para os sujeitos indeterminados, vemos grande semelhança com a dos sujeitos com o traço [-humano/+esp] no século XIX, com muito baixos índices de sujeitos expressos, e, a seguir, uma linha ascendente, que acompanha de perto os sujeitos de referência definida [+humanos], chegando a 58% em 1992.

Antes de continuar a percorrer a hierarquia, uma observação acerca dos sujeitos com o traço [-humano]. Embora sua representação por um pronome nominativo expresso se implemente mais lentamente, o simples fato de atestarmos pronomes pessoais com esse traço já nos distingue das línguas de sujeito nulo prototípicas, como o italiano e o espanhol, em que sujeitos com esse traço são nulos ou representados por um demonstrativo. Essas ocorrências começam a ser observadas no século XX:

- (8) a. Como recurso imediato, ponho a sua disposição [**a casa**]_i que possuo lá em Olaria. Por sorte, [**ela**]_i está atualmente vaga... (*O troféu*, Armando Gonzaga, 1937)
- b. - Por que você não aprontou [**o almoço**]_i na hora?
- **Ele**_i está pronto. Só que eu não vou botá-lo na mesa. (*A mulher integral*, C. Eduardo Novaes, 1975)

Um último aspecto estrutural sobre o processo envolvendo os sujeitos referenciais é a função do antecedente e sua acessibilidade sintática, mencionadas acima. Calabrese (1986) já chamava a atenção para o fato de que um antecedente acessível no contexto adjacente e na função de sujeito levaria necessariamente a um sujeito nulo numa língua [+ sujeito nulo] do grupo românico, a menos que ocorresse ênfase ou contraste. O sujeito poderia ser preenchido caso seu antecedente estivesse distante ou em outra função sintática, se e somente se um sujeito nulo provocasse ambiguidade. Esses padrões, refinados e testados numa análise comparativa de PB e PE por Barbosa, Duarte e Kato (2005), são ilustrados com dados das peças de teatro (observem-se os pares em (a) e (b) ilustrando marcações paramétricas opostas):

(9) a. **Ele_i** diz que \emptyset_i está sozinho na Delegacia, que o guarda da noite está jantando. (*Do tamanho de um defunto*, Millôr Fernandes, 1955)

b. Agora **ele_i** não vai mais poder dizer as coisas que **ele_i** queria dizer. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

(10) a. **Ele_i** adora minha comida. \emptyset_i Já deve estar chegando. (*A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

b. E [**as historinhas infantis**]_i? **Elas_i** estão ficando tão avançadas que semana passada um amigo meu estava lendo um livro para o filho e de repente descobriu que a Nova Cinderela não calça mais 32. (*Confidências de um espermatozoide careca*, C. Eduardo Novaes, 1984)

(11) a. Oh, mas que culpa tem ela? Mais tenho eu, já que fui tão tola, que casei-me sem indagar quem **ele_i** era. Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas! Patife, agora \emptyset_i anda escondido... Ai, estou cansada... Mas \emptyset_i não escapará da cadeia... seis anos de cadeia... (*O Noviço*, Martins Pena, 1845)

b. - Aquele entusiasmo, aquele ardor dos primeiros tempos do casamento vai se apagando e hoje [**seu marido**]_i lhe procura o que? Duas vezes em dez dias?

- Não.

- Então você está melhor do que eu pensava.

- Nem tanto. **Ele_i** me procura uma vez em cada dez dias. (*A mulher integral*, Carlos E. Novaes, 1975)

(12) a. Se **o_i** encontrarem_i deem-**lhe_i** uma boa arrojada e levem-no_i preso. \emptyset_i Há de me pagar. (*O noviço*, Martins Pena, 1845)

b. Quero parar com [**essas aventuras**]_i. **Elas_i** não me levam a nada. (*A Mulher Integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

A análise de Duarte, Mourão e Santos (2012) confirma que os padrões em (9) e (10) com o antecedente com idêntica função em oração adjacente, são os mais resistentes ao preenchimento, mas ainda assim, revelam um quadro que coincide com os anteriores: as duas últimas sincronias são decisivas na propagação da mudança – os sujeitos predominantemente nulos até os anos

1955 alcançam 25% e 49% de preenchimento, para os padrões em (9) e (10), respectivamente, na sincronia representada por 1992. Quanto aos padrões em (11) e (12), com o antecedente distante ou em função diferente, os pronomes expressos, que ficavam em torno de 40% em torno dos anos 1840, já chegam a 80% em 1992.

Continuando a percorrer a hierarquia referencial

Se seguirmos o contínuo antes apresentado, veremos que os referentes proposicionais se situam num ponto mais baixo da hierarquia, por terem menor referencialidade em relação aos anteriores. São sujeitos neutros, cujo antecedente é uma oração ou uma porção maior do discurso, sendo retomados por uma categoria vazia (nas línguas que admitem essa opção) ou um demonstrativo, como se vê em (13):

(13) a. - Você esperou-o vestida de quê?

- De coelhinho da Playboy.

- Não sei se \emptyset foi uma boa idéia.

(\emptyset = o fato de você tê-lo esperado vestida de coelhinho da Playboy)

(*A mulher integral* – Carlos Eduardo Novaes – 1975)

b. - Eu serei Verônica!

- Isso é um sacrilégio. Faça o favor de tirar essa roupa.

(**isso** = o fato de um travesti querer representar Verônica na Paixão de Cristo)

(*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

Esse tipo de sujeito foi estudado pela primeira vez no PB por Paredes Silva (1985), com base em Halliday e Hasan (1979), de quem veio o termo *extended reference subjects*, traduzido por Paredes Silva (1985) como *sujeitos de referência estendida*, um rótulo extremamente pertinente para eles. A autora analisou essas estruturas numa perspectiva funcional, investigando o papel da variação nulo vs demonstrativo neutro como elemento de coesão textual. Em Paredes Silva e Oliveira (2014), o tema é revisitado.

No que interessa ao presente estudo, esse sujeito deveria ser um contexto mais resistente ao preenchimento pelo demonstrativo por se situar num ponto mais baixo da hierarquia referencial. A análise de Duarte, Mourão e Guimarães (2012) encontra, de fato, forte competição entre sujeitos nulos e expressos ao longo dos períodos analisados, o que sugere uma variação estável. Entretanto, quando se observa o papel do verbo *ser*, o mais frequente em tais estruturas, vemos que os índices de nulos sobem significativamente, em relação a outras sentenças com verbos inacusativos (como *acontecer*) também frequentes. Em suma, o verbo *ser* parece constituir importante fator de resistência do sujeito nulo.

Antes de prosseguirmos na observação do percurso da mudança, chegando aos sujeitos não referenciais / não argumentais, vejamos na seção que segue, o que dizem os resultados para a fala contemporânea.

Um estudo da mudança em tempo aparente

Resumo nesta seção os resultados da análise de uma amostra da fala culta carioca (NUCR-RJ) gravada em 1992, que serviu para a investigação apresentada em minha tese de doutorado (DUARTE, 1995), a partir da qual várias outras investigações têm sido feitas sempre à luz da perspectiva teórica que orienta minha pesquisa. Além dos sujeitos de referência definida, foram também analisados os genéricos (ou indeterminados) e os proposicionais. Os resultados confirmam os fatores estruturais apontados nas análises diacrônicas além de indicar mudança em *tempo aparente*, com o grupo mais jovem de falantes da amostra NURC (entre 25 e 35 anos) liderando a preferência pelo sujeito exposto. Para comparar esses resultados com os apresentados na seção precedente, ilustraremos apenas o efeito da referencialidade no preenchimento dos sujeitos.

A Figura 4 mostra os índices percentuais obtidos, confirmando, a um só tempo, o curso da mudança ao longo da hierarquia referencial proposta e a proximidade entre os resultados da fala espontânea com os encontrados para o conjunto de peças escritas no Rio de Janeiro, por autores cariocas, na última sincronia, entre 1990 e 1992:

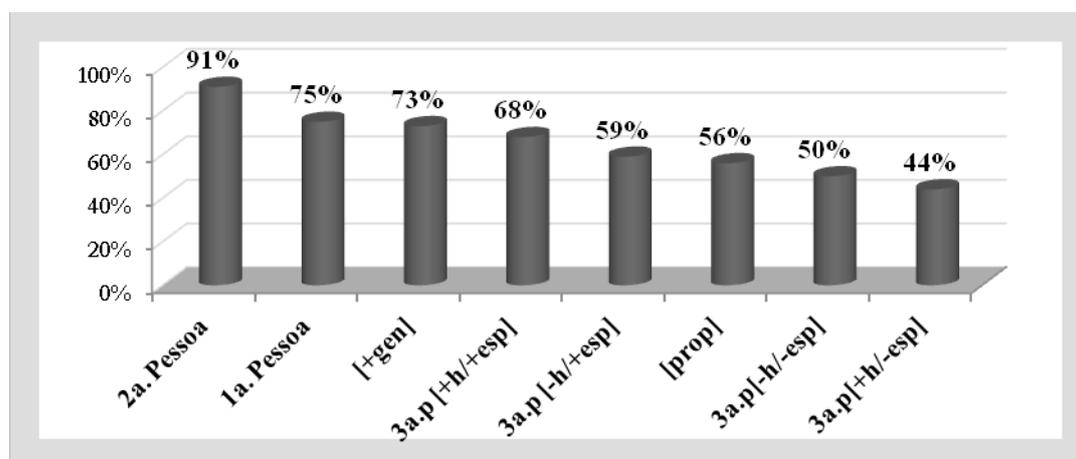


Figura 4: Sujeitos expressos (vs nulos) na fala espontânea ao longo da hierarquia referencial
Amostra NURC-RJ – 1992

Liderando o preenchimento, aparecem os sujeitos com o traço inerentemente [+h] – os de 2ª., 1ª., os genéricos e os de 3ª., nessa ordem, ilustrados com exemplos da amostra de fala espontânea, seguindo a ordem decrescente dos índices percentuais (além do traço semântico, os exemplos buscam ilustrar os diferentes padrões estruturais mostrados em (9) - (12) anteriormente):

- (14) a. Ø_{2ps} Sabe o que é pinho de riga? (Homem, 59 anos)
 b. Ø_{2ps} Nunca ouviu falar nele? (Homem, 59 anos)
 c. Você me disse que você 'tá morando em Copacabana. (Mulher, 25 anos)
 d. E quando vocês 'tão andando na vila, vocês reconhecem (os astros do esporte)?
 (Mulher, 27 anos)

- (15) a. Ø_{1ps} Moro nesse lugar há muito tempo, talvez Ø_{1ps} tenha sido entrevistado nesse lugar onde **eu** morei, eu não sei, **eu** já morava nesse lugar quando Ø_{1ps} fui entrevistado por vocês (Homem, 59 anos)

- b. Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa

da base que **eu** tinha. (Homem, 27 anos)

c. Mas assim mesmo, bom, \emptyset_{1pp} já ficamos satisfeitos porque \emptyset_{1pp} dormimos numa casa que era a nossa e não era naquele hotel horroroso, que aquilo até metia medo, sem conforto nenhum. Aí \emptyset_{1pp} fomos, mas, os móveis eram, eram poucos (Mulher, 74 anos)

d. Eu acho que em um ano a gente se separa se a gente se casar (Mulher, 26 anos)

(16) a. Se você 'tá namorando há muito tempo, \emptyset_{gen} cobram (Mulher, 26 anos)

b. A Avenida das Américas **eles**_{arb}¹⁰ tão recapando ela toda. (Homem, 32 anos)

c. Agora \emptyset_{gen} estamos em época de festividades. (Homem, 59 anos)

d. Hoje em dia, quando **a gente**_{gen} levanta as coisas, é que **a gente**_{gen} vê tudo o que aconteceu. Mas na época **a gente**_{gen} não podia acreditar [...]. **A gente**_{gen} não acreditava nisso, primeiro porque **a gente**_{gen} era novo. (Homem, 32 anos)

e. Quando **você**_{gen} é menor, **você**_{gen} não dá muito valor. Você acha que criança é só pra encher o saco, né? [...] Na fase que **você**_{gen} 'tá na adolescência, **você**_{gen} 'tá na praia, vem criança, te joga areia, **você**_{gen} não vai entender que, pô, isso é da criança. (Mulher, 26 anos)

f. \emptyset_{gen} Não vê mais amolador de fala. (Mulher, 75 anos)¹¹

g. Antigamente \emptyset_{gen} punha a mesa pra tomar lanche. (Mulher, 65 anos)

h. Herodes tinha razão. \emptyset_{gen} Tem que matar as crianças! (Mulher, 26 anos)

(17) a. Mas **ele**_i sentiu [que \emptyset_i era o único ali novo, casado, recém-casado] (Homem, 53 anos)

b. **Geisel**_i era realmente um todo poderoso presidente da república. \emptyset_i Demitiu ministros militares... (Homem, 53 anos)

c. Ela_i é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. Ela_i não ficou solteira porque não apareceu pretendente. Ela_i ficou solteira porque ela_i quis. (Mulher, 26 anos)

A seguir vemos os sujeitos com o traço [-hum/+esp] e [proposicional], com 59% e 56%, respectivamente, índices que já superam os de sujeitos nulos:

(18) a. [**O Rio de Janeiro**]_i é uma beleza! Realmente \emptyset_i é uma cidade linda. (Homem, 59 anos)

b. Eu acho que [o comércio do Rio]_i, por exemplo, continua a ser bem melhor

10 Diferenciamos entre os sujeitos indeterminados, os de referência genérica (que podem incluir o falante) e os de referência arbitrária (que excluem o falante).

11 Os sujeitos nulos em (16f,g,h), embora possam aparecer com os pronomes expressos *você* ou *tu*, com a mesma referência genérica, não podem ser considerados como variantes desses pronomes expressos. O pronome *você* em (16e), por exemplo, não poderia ser apagado, particularmente nas orações iniciais dos períodos. A possibilidade de um nulo genérico com o verbo na 3ª. p.s. é uma peculiaridade do português brasileiro e obedece a restrições que os genéricos expressos não conhecem (cf. GALVES, 1987; CAVALCANTE, 2007).

Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

- que o de Belo Horizonte, né? Eu acho [que Ø_i é bem mais aparelhado] (Homem, 59 anos)
- c. [A casa]_i virou um filme quando ela_i teve de ir abaixo. (Mulher, 50 anos)
- d. [Nova Trento]_i é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. Ela_i é desse tamanho. Ela_i não tem paralela. (Mulher, 50 anos)

(19) a. Eu fiz até algumas tentativas de caminhar porque eu gosto de [caminhar pela manhã pela redondeza]_i, mas Ø_i é absolutamente impossível! impossível não! Ø_i é desagradável! (Mulher, 46 anos)

(Ø = caminhar pela manhã pela redondeza)

b. [As pessoas gostam de se vestir, de seguir a moda]_i [...]. Acho que **isso**_i faz parte de uma sensualidade do povo brasileiro (**isso** = o fato de as pessoas se preocuparem com o modo de se vestir) (Homem, 45 anos)

Apenas com os referentes de 3a. pessoa em que o traço [±humano] interage com o traço [-esp] é que vamos observar índices mais baixos de preenchimento, 50% e 44%, respectivamente, um sinal de que o traço [-específico] é o que oferece mais resistência nesse processo de mudança, como prevê a hierarquia referencial, mas ainda assim, como dito anteriormente, já são índices que “desqualificam” o PB como um sistema de sujeitos nulos:

(20) a. Poderia até falar, assim, [**uma casa mais antiga**]_i: Ah, Ø_i tem cara de Catete, Cosme Velho... (Mulher, 27 anos)

b. Você vê que, [**os prédios modernos**]_i, que são chamados de funcionais, né, aquilo às vezes, nem pra aquilo **eles**_i servem direito; e quando você tenta adaptar pra outra coisa, **eles**_i são tão pouco flexíveis, né (Mulher, 46 anos)

(21) a. Ah, não pode ser assim, porque [**o aluno**]_i [quando Ø_i vem pro vestibular] não sabe exatamente o que Ø_i quer. Isso é um absurdo porque [**o cara**]_i [quando Ø_i vai fazer engenharia] **ele**_i sabe exatamente o que **ele** vai fazer... (Homem, 32 anos)

b. **O cara**_i já fez todas as matérias. **Ele**_i não pode fazer de novo. Então tem algumas matérias do profissional que **ele**_i pode fazer. **Ele**_i pode puxar as matérias. (Homem, 32 anos)

É fato que os percentuais obtidos para a fala espontânea são levemente mais altos em relação aos obtidos para as peças escritas na última sincronia, entre os anos 1990 e 1992.¹² Mas não há dúvida de que o autor dessas peças, nascido e criado no Rio de Janeiro, conseguiu se aproximar muito da fala carioca espontânea gravada exatamente nesse período. E, se esse autor conseguiu tal proximidade, podemos presumir que os autores de outras sincronias também buscassem alcançar um público mais amplo com um texto próximo da sua fala. É possível que, até o início dos anos 1930, esse público-alvo fosse mais restrito em razão do menor acesso à escolarização e que os autores, influenciados pelas normas lusitanas em vigor, não ousassem “ouvir mais” a fala natural. Ainda assim, podemos acreditar que a gramática do português brasileiro começa a se

12 Os resultados encontrados para a fala “popular” carioca, com base na amostra PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – são muito semelhantes aos encontrados para a fala “cultura” (DUARTE, 2003).

impor a partir do segundo quartel do século XX.

Continuando a investigação: como a mudança atestada se “encaixa” no sistema linguístico?

O quadro até aqui apresentado não deixa dúvida quanto à implementação da mudança, condicionada particularmente pela hierarquia referencial e pelo padrão estrutural. Para o variacionista interessa observar a propagação da mudança e o aumento gradual observado na linha do tempo real ou aparente; para o gerativista, a origem da mudança é o ponto principal: uma vez desencadeada, temos uma nova gramática ou um novo valor paramétrico em competição com a gramática antiga, visível nos padrões ainda encontrados ao longo do tempo.

De fato, os resultados permitiam responder a alguns dos problemas empíricos colocados por W, L & H, como as *restrições*, a *implementação* e a *transição*; faltava, entretanto, buscar evidências do *encaixamento* da mudança. Segundo W, L & H (1968: 110), “os linguistas naturalmente desconfiam de qualquer explicação para a mudança que deixe de mostrar a influência do ambiente estrutural sobre o traço em questão: é razoável presumir que o traço esteja encaixado numa matriz linguística que muda com ele [...]”.

Uma primeira evidência do encaixamento da mudança, observada nas amostras de fala espontânea (Amostra NURC-RJ e de TV), analisadas em Duarte (1995), estava nos índices expressivos de sujeitos de referência definida e genérica deslocados à esquerda, um tipo de construção de tópico marcado, em que tópico e sujeito são correferentes, um comportamento que não se ajusta definitivamente ao figurino de línguas românicas de sujeito nulo:¹³

- (22) a. **Eu**, [às vezes], **eu** peço a ele pra ir comprar o jornal pra mim... (Homem, 45 anos)
 b. [**A Clarinha**]_i, **ela**_i cozinha que é uma maravilha. (Mulher, 65 anos)
 c. **Você**, [quando você viaja], **você** passa a ser turista. (Mulher, 27 anos)

Além de o elemento externo à sentença poder ser representado por um pronome forte (em oposição ao pronome fraco interno à sentença, como em (22a,c), ou um SN definido (22b) ou genérico (22c), ele pode também ter o traço [-humano] (23a), [-específico] (23b), aparecer quantificado ou sob a forma de uma relativa livre (23c,d):

- (23) a. [**O Hospital de Bonsucesso**]_i **ele**_i atende...dá continuidade ao atendimento (Fala espontânea, TV)
 b. [**Um homem comum**]_i **ele**_i tem um conforto compatível com a dignidade de uma pessoa humana, entendeu?
 c. [**Qualquer pessoa que vai praticar um esporte**]_i **ela**_i tem que se preparar (fala espontânea - TV)
 d. [**O que é bom, o que é de qualidade**]_i **ele**_i fica; [**o que é ruim**]_i [**ele**_i se perde. (fala espontânea)

Tais construções, inicialmente, foram tomadas não só como um efeito colateral (ou *encaixamento*)

13 O italiano, o espanhol e o português europeu rejeitam essas estruturas em contextos neutros. Sua ocorrência, sem adjacência sintática, seria interpretada com valor focal (cf. DURANTI e OCHS (1979); RIVERO (1980) e Inês DUARTE (1987) *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

da mudança, mas como um fenômeno que poderia ser associado ao francês, um sistema que tinha perdido a propriedade de sujeito nulo juntamente com o desaparecimento de V2 e a erosão do paradigma flexional; na fase medieval, resíduos de sujeitos nulos em subordinadas com sujeitos correferentes, como ainda vemos no PB, ainda eram notados (VANCE, 1989).

Uma correlação entre o percurso do francês no passado e o do português brasileiro no presente era inevitável. No entanto, informações adicionais sobre as restrições ao sujeito deslocado à esquerda em francês (BARNES, 1986) mostram que tal construção é muito frequente na primeira pessoa, quando o falante retoma o turno (*Moi, je pense que*); ora, num sistema em que o pronome fraco é obrigatório, nada mais natural do que retomar o turno com um pronome forte. Num sistema de sujeitos nulos, que obviamente evita pronomes, este é o contexto em que o falante tende a pronunciá-lo (IO_i [\emptyset _i *credo que...*]), como nos mostra Marins (2009), numa análise do italiano falado. Em relação aos SNs deslocados, entretanto, a estrutura é restrita no francês: esses SNs devem ser definidos e preferencialmente exibir o traço [+humano]; com SNs [-humanos] a retomada pronominal se faz, segundo a autora, com o demonstrativo (*ce*).¹⁴ No PB, não encontramos tais restrições, como mostram os exemplos em (22) e (23). Além disso, o PB revela um conjunto muito mais amplo de *construções de tópico*, como mostraremos a seguir.

Antes, porém, continuemos a explorar a noção de encaixamento da mudança. Além do aparecimento dessas estruturas e ainda levando em conta as palavras de W. L. & H. e as propriedades associadas ao Parâmetro do Sujeito Nulo, seria natural esperar que a mudança atestada ao longo da hierarquia referencial não parasse no sujeito proposicional ou neutro. Seria natural esperar que os sujeitos situados no outro extremo da hierarquia fossem igualmente afetados. O português brasileiro desenvolveria um expletivo lexical para ocupar a posição do sujeito nas sentenças impessoais? Afinal, evidências do passado mostram que o francês desenvolveu o expletivo *Il* antes nulo (\emptyset_{expl} *semble que vs Il semble que*) depois de o sujeito referencial passar a ser obrigatoriamente pronunciado (VANCE, 1989); evidências do presente mostram ainda que uma variedade do espanhol falado na República Dominicana¹⁵, depois de passar a preencher os sujeitos referenciais, certamente devido à erosão fonológica do paradigma verbal, desenvolveu o expletivo *ello*, que aparece não só em sentenças com verbos *quasi*-argumentais, impessoais e inacusativos (*ello llueve* – chove -, *ello hay muchos mangos este año* – há/tem muitas mangas este ano - *ello llegan guagas a cada treinta minutos* -chegam ônibus a cada trinta minutos), mas também em sentenças com sujeitos de referência arbitrária (*ello lo dijeron por la radio* – disseram isso pelo rádio) (cf. TORIBIO, 1996). Vemos, então, dois processos de mudança que atingem toda a hierarquia referencial. E, se quisermos ir mais longe, ela atingiu também no francês a ordem dos inacusativos (**est arrivé um enfant vs um enfant est arrivé*), entre outras propriedades relacionadas ao PSN.

Voltemos à construção de sujeitos deslocados à esquerda (DE), incluída entre as construções de tópico apresentadas no trabalho pioneiro de Pontes, desenvolvido ao longo dos anos

14 Note-se que, mais recentemente, Avanzi (2011) aponta que algumas restrições vão sendo vencidas no francês, como os SNs com o traço [\pm humano] e [+específico], que já são atestados em estruturas de deslocamento à esquerda do sujeito em amostras de fala espontânea. SNs com o traço [-específico] não são retomados por pronomes pessoais.

15 O uso do expletivo lexical *ello* em Santo Domingo, República Dominicana, é largamente utilizado pela população de baixa escolaridade e, por isso mesmo, é uma estrutura altamente condenada pela escola. Este é, sem dúvida, um caso de mudança de “baixo para cima”, que encontrará forte repressão normativa e parece ser alvo de forte preconceito. Essas observações foram recolhidas informalmente pela autora deste artigo em Santo Domingo. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

1980 e reunido numa publicação de 1987. Seu propósito era situar o português do Brasil tipologicamente entre as línguas com orientação para o sujeito e para o discurso. Sua hipótese se sustentava no artigo de Li & Thompson (1976), que apresentava construções de línguas orientais com proeminência para o discurso que guardavam certa semelhança com as encontradas no português, entre as quais as construções de tópico marcado também referidas como construções de “duplo sujeito”¹⁶ – fosse ele coindexado com uma posição preenchida na sentença comentário, como os casos de DE ilustrados em (22)-(23) acima, ou ainda com uma posição vazia na sentença, resultante (presumivelmente) de seu movimento, como é o caso das topicalizações (*Carne, eles agora estão comendo [t]_i*), fosse ele, finalmente, não integrado à sentença comentário (um anacoluto, na tradição gramatical, ou tópico pendente, em quadros teóricos recentes (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003), como mostra (24), com exemplos da referida amostra NUCR-RJ:

- (24) a. [_{S^{Top}} **Corrida de cavalo**], [_{S^{Flex}} eu nunca fui ao jóquei clube.
 b. [_{S^{Top}} **As freiras hoje**], [_{S^{Flex}} tudo mudou meu bem.
 c. [_{S^{Top}} **Armazém**], [_{S^{Flex}} vinha o empregado na porta de bicicleta.
 (VASCO, 1999; ORSINI, 2003)

As estruturas de DE foram analisadas, ainda nos anos 1980, por Braga e Mollica (1986) e Braga (1987), que, dentro do quadro teórico funcionalista, buscaram as motivações discursivas para seu uso na língua oral e as restrições de processamento que levavam à retomada pronominal. Callou, Moraes e Leite (1993), juntamente com seus orientandos de IC e outros orientandos nossos mais tarde retomariam o conjunto de construções de tópico, para uma análise sintática e prosódica comparada com as construções de sujeito e predicado (VASCO, 1999; ORSINI, 2003; ORSINI e VASCO, 2007) ou se concentrariam nas motivações discursivas para as ocorrências do deslocamento de sujeitos e da topicalização de objetos (Belfort, 2006) ou ainda refinariam a análise de sujeitos em construções de DE (PAULA, 2012).

Ainda dentro do grupo das chamadas construções de tópico descritas por Pontes (1987), particularmente interessante é aquela em que o elemento proeminente, um genitivo ou um adjunto adverbial, movido para a esquerda, é reanalisado como sujeito, como mostram os pares em (25):

- (25) a. [_{S^{Flex}} **O Jorge Luís**]_i cresceu [o nariz *t*]_i.
 [_{S^{Flex}} \emptyset _{expl} Cresceu [o nariz do Jorge Luís].
 [_{S^{Flex}} O nariz do Jorge Luís]_i cresceu [*t*]_i.
 b. [_{S^{Flex}} **O seu regime**]_i entra muito laticínio [*t*]_i?
 [_{S^{Flex}} \emptyset _{expl} Entra muito laticínio [no seu regime]?
 [_{S^{Flex}} [No seu regime]_i \emptyset _{expl} entra muito laticínio [*t*]_i?

Graças à flexão verbal em português, temos evidência de que nessas construções não se configura uma estrutura de tópico marcado; a evidência da posição ocupada pelo genitivo movido para uma posição não argumental nos vem de dados em que esse elemento se encontra no plural:

- (26) a. [_{S^{Flex}} \emptyset _{expl} rachou [a pele das minhas pernas].
 b. [_{S^{Flex}} A pele das minhas pernas]_i rachou [*t*]_i.

16 O termo “duplo sujeito” engloba todas as construções de tópico marcado – o sujeito periférico seria o sujeito do discurso enquanto aquele que aparece no PB em relação de concordância com o verbo, na sentença comentário, seria o sujeito da sentença (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003). Não se confunda, entretanto, com o “tópico-sujeito”. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

c. [_{SFlex} As minhas pernas racharam [a pele t_i].

Uma análise recente de Duarte e Kato (2014) e Fernandes, Duarte e Soares da Silva (2015), com base em dados colhidos de *sites* de reclamação da internet, revelam que o padrão em (26c) é amplamente preferido entre as três formas em competição no PB se o SN contiver um genitivo em sua estrutura. Não escapa ao pesquisador interessado na posição estrutural do sujeito sintático (e nos prováveis efeitos colaterais da mudança!) uma construção em que um elemento referencial se move para uma posição não argumental *disponível* à esquerda do verbo, evitando um expletivo nulo. Restaria explicar por que o PB **não** desenvolveu um expletivo lexical, como o francês e o espanhol dominicano, como vimos antes. A resposta está justamente na orientação para o discurso.

No clássico artigo de Li & Thompson (1976), temos uma afirmação que é relevante para sustentar essa hipótese, observada por Vasco (2006): “numa língua com proeminência de tópico [...] em que a noção de sujeito não desempenha papel proeminente, **não há necessidade de sujeitos expletivos lexicais** ((LI & THOMPSON, 1976: 467)¹⁷. Em outras palavras: o PB identifica sujeitos nulos referenciais, desde que estruturalmente identificados por um tópico (aqui entendido como elemento proeminente no discurso e **não** como elemento dado), e permite sujeitos nulos não referenciais porque línguas orientadas para o discurso não têm itens lexicais **sem conteúdo semântico**. Se um elemento não tem referência, não precisa ter representação fonética numa língua com proeminência de tópico. Uma vez definido o tópico do discurso, sua retomada se faz sem a necessidade de qualquer elemento. Isso explica a resistência de sujeitos nulos referenciais justamente nos Padrões 1 e 2 (ilustrados em (9) -(10)), em que o antecedente mantém a mesma função se comporta como um tópico, com saliência no discurso; explica também a coexistência de sujeitos expletivos nulos e elementos movidos para essa posição em sentenças impessoais. Se levamos em conta que o PB é um sistema com morfologia flexional, ainda que reduzida (ao contrário das línguas com proeminência de tópico orientadas, que não têm flexão) e que essa morfologia, antes capaz de identificar sujeitos nulos, começa a se alternar com um pronome fraco (KATO, 1999), podemos entender estruturas como:

(27) [_{STop} **Essas panelas**]_i [_{SFlex} elas_i esquentam[as alças t_i].

A partir dessas observações, podemos elencar um conjunto de construções em que o alçamento de um constituinte para a posição estrutural do sujeito permite evitar um expletivo nulo. Esse conjunto abrange:

- alçamento de genitivos, dativos e adjuntos adverbiais, com verbos inacusativos já ilustrados em (25-27) e em (28) a seguir (cf. PONTES, 1987; KATO, 1989; DUARTE, 2004; KATO e DUARTE, 2014):

(28) a. [_{SFlex} **Minhas pernas**]_i racharam [a pele t_i].

b. [_{SFlex} **O Fluminense**]_i faltou sorte [t_i] no segundo tempo.

c. [_{SFlex} **Esse vaso**] brotou um pé de melancia [t_i]_i

- Construções com verbos *quasi*-argumentais com sujeitos lexicais locativos e

17 “In a T_p language, as we have emphasized, where the notion of subject does not play a prominent role, there is no need for “dummy” subjects” (Li & Thompson 1976: 467). (dummy = palavra sem conteúdo referencial).

dêiticos (cf. PONTES, 1987; DUARTE, 2004):

- (29) a. $_{\text{SFlex}}$ [Essas janelas]_i ventam muito [t_i]_i.
 b. Vê [$_{\text{SC}}$ se [$_{\text{SFlex}}$ aquelas janelas]_i 'tão chovendo [t_i]_i.
 c. [$_{\text{SFlex}}$ São Paulo]_i chove [t_i]_i; [$_{\text{SFlex}}$ o Rio]_i faz sol [t_i]_i.

- Preferência por construções existenciais pessoais (KATO e TARALLO, 1986; DUARTE, 1997; CALLOU e AVELAR, 2007, entre outros):

- (30) a. 'Cê *tem* prédios lindos em Londres.
 b. **Eu** *tenho* uma papelaria ali na esquina que tira cópia baratinho.
 c. **A gente** não *tem* mais comércio no centro da cidade.

- Alçamento de constituinte de uma oração encaixada para a posição do expletivo em construções impessoais com *parecer* (DUARTE, 2004, 2007; MARTINS e NUNES 2005, 2008).¹⁸

- (31) a. Tem ocasiões que **eu**_i nem pareço [que t_i [\emptyset_i sou brasileiro].
 b. Caso [as aulas]_i pareçam [que t_i [\emptyset_i vão voltar eu mando eles pra escola de novo].
 c. Quando eu brigo, **eu** pareço [que t_i [**eu**_i vou explodir de raiva].
 d. **Vocês** parecem [que t_i [**vocês** não pensam na vida].

- Ergativização de verbos transitivos (GALVES, 1987, 1998; VASCO, 1999; NEGRÃO e VIOTTI, 2008):

- (32) a. A revista 'tá **xerocando**.
 b. Esse prédio **tá construindo** desde que vendeu o terreno onde era a casa do vovô.
 c. Com a reforma, meu jardim **destruiu** inteirinho.
 d. O Bob 's da Tijuca **reformou**.

Todo esse conjunto de construções, algumas das quais sentidas como estranhas, foi produzido por falantes do português brasileiro e apresenta uma simplificação da morfologia passiva, característica das línguas de tópico. Seria impossível não relacioná-las a um conjunto maior de mudanças envolvendo a mudança relacionada à posição estrutural do sujeito no PB.

A partir desse conjunto de fenômenos, algumas generalizações podem ser feitas:

1. o PB apresenta um processo de mudança avançado em direção a sujeitos referenciais definidos, de 1^a. 2^a. e 3^a. pessoas (independentemente do traço semântico dos sujeitos

18 Não discutimos aqui as duas interpretações para essas construções, nomeadamente hiperalçamento e hiperalçamento "aparente". Nossa proposta é que os elementos são alçados a partir de uma posição deslocada e que o sujeito se alterna entre nulo e expresso.

de 3ª. pessoa), mas ainda conserva sujeitos nulos, particularmente esses de 3ª., nos contextos em que há um elemento que o c-comande ou um elemento em sentença adjacente, em posição acessível, ou seja, um constituinte proeminente no discurso. Essa mudança em progresso fica evidente quando se considera a faixa etária dos falantes: os mais jovens apresentam índices significativamente mais baixos de sujeitos nulos do que os mais velhos.

2. O PB apresenta sujeitos preferencialmente expressos para referência genérica/ indeterminada, mas exibe um tipo de sujeito nulo indeterminado, sem qualquer marca, veiculando, principalmente, a noção de aspecto e modalidade, ou ainda em discursos de procedimentos (cf. GALVES, 1987; DUARTE, 1995; CAVALCANTE, 2006).

3. Os sujeitos proposicionais (ou neutros) apresentam variação aparentemente estável, mas seu preenchimento com o demonstrativo (*isso*) já supera o sujeito nulo com verbos diferentes de *ser*.

4. Os sujeitos não referenciais/não argumentais continuam a exibir o expletivo nulo, mas essas estruturas permitem a presença de elementos movidos ou inseridos na posição de Especificador de SFlex.

Algumas generalizações

Em vista da mudança observada nos dados diacrônicos, uma hipótese apresentada em Cyrino, Duarte e Kato (2000) e Kato (2000) seria a de que o PB deveria ser classificado como uma língua de sujeito nulo “parcial”, com sujeitos referenciais expressos e expletivos nulos. Mais recentemente, Holmberg (2010) igualmente inclui o PB entre as línguas de sujeito nulo parcial, justamente com base nos tipos de sujeitos nulos que nós ainda exibimos (aqueles referenciais identificados por um elemento proeminente, além dos nulos genéricos). Entretanto, como vimos neste artigo, esses sujeitos nulos referenciais e genéricos **não estão em distribuição complementar com os expressos**; antes, estão **em variação com sujeitos pronominais expressos** e os nulos ocorrem em índices sempre mais baixos do que os expressos, o que pode significar que, ao longo do tempo, eles venham a desaparecer.

Nesse processo de mudança, não podemos ignorar o surgimento de um paradigma de pronomes fracos em substituição aos morfemas verbais, que eram capazes de identificar um sujeito nulo (cf. KATO, 1999). O fato de o PB ainda exibir uma morfologia flexional (mesmo que empobrecida), ausente nas línguas orientais com proeminência de tópico, certamente vai produzir um sistema com características diferentes, em que o caráter pronominal dessa morfologia surge em forma de pronomes fracos, *clitic-like*, como afirma Kato (1999). Isso pode explicar a questão levantada por Humberto Soares da Silva (comunicação pessoal): como é possível que, numa língua com orientação para o discurso, sejam predominantes sentenças como as encontradas em Duarte (1995)?

(34) a. Mesmo que eu não fizesse o pré-vestibular, eu acho que eu passaria por causa da base que eu tinha. (Homem, 27 anos)

b. Você me disse que você ‘tá morando em Copacabana. (Mulher, 25 anos)

c. Eu gosto muito d[a igreja]_i. E **ela**_i domina uma cidade que não tem edifícios.
[**Ela**]_i é alta com duas belas torres. (Mulher, 50 anos)

A resposta é que a morfologia flexional e a proeminência de tópico são propriedades que caminham juntas no PB; enquanto a morfologia flexional empobrecida produziu pronomes nominativos fracos, a proeminência de tópico permite sujeitos não argumentais ocupando a posição de especificador de SFlex ou uma posição periférica, quando o especificador de SFlex já está preenchido.

Quanto às sentenças impessoais, em que se encontram em variação expletivos nulos e elementos não argumentais movidos para a posição estrutural do sujeito, novamente não temos uma distribuição complementar que possa justificar o rótulo de língua de sujeito nulo “parcial”. O que podemos afirmar é que tanto os sujeitos nulos quanto os expressos do PB estão em distribuição complementar e são compatíveis com o que se vê em línguas de proeminência de tópico.

A hierarquia referencial apresentada neste artigo não podia explicar a assimetria “sujeitos expressos e objetos nulos” no PB; podia explicar apenas que os dois processos seguiam uma direção motivada pela maior ou menor referencialidade da categoria envolvida. Se, entretanto, levarmos em conta a orientação para o discurso como um parâmetro da GU, e aceitarmos que o PB é uma língua [+orientada para o discurso], teremos como explicar não só nossos objetos nulos identificados por um tópico discursivo (cf. RAPOSO, 1986; GALVES, 1987, entre outros) como os sujeitos nulos referenciais (também identificados por um tópico discursivo) e os não referenciais nulos que o PB ainda exhibe. Essa orientação do PB para o discurso encontra suporte em Galves (1987), Negrão e Viotti, (2000), Modesto (2000, 2004 e 2008), Duarte e Kato (2008; 2014), Avelar e Galves (2001), entre outros.

Para concluir, eu gostaria de enfatizar que a utilização do quadro de Princípios e Parâmetros para pôr em prática o modelo da Variação e Mudança, além de permitir relacionar fenômenos superficiais que talvez passassem despercebidos, nos leva a rediscutir e até mesmo realinhar as propriedades associadas aos parâmetros da Gramática Universal, levantar hipóteses sobre a continuação da mudança; e o mais importante é que o benefício é mútuo.

A resposta a cada problema empírico investigado, à luz da proposta de W. L & H. leva a outra pergunta e abre novos caminhos, o que é útil para quem trabalha com a mudança em curso e para quem quer avaliar a eficácia de uma teoria linguística. Essa associação (poderia ser outra a teoria gramatical escolhida!) pode produzir “generalizações menos ‘indutivas’ e mais ‘dedutivas’ e mais ‘ao sabor’ dos princípios previstos em um modelo paramétrico de sintaxe, como reforça Tarallo (1987: 55). Em nenhuma etapa do desenvolvimento do trabalho aqui resumido, devo confessar, empirismo e formalismo se desentenderam; pelo contrário, eles se completaram. Sem um ou outro, essa investigação, que continua em andamento, não teria acontecido. Nossas pesquisas têm contribuído para um refinamento das propriedades relacionadas ao PSN e para propor não *um* parâmetro mas *parâmetros* do sujeito nulo, que contemplam diferenças *paramétricas* entre línguas (HOLMBERG, 2010), o que para o variacionista seriam etapas no processo de mudança.

Para concluir

Finalmente, retomo o início deste artigo para reafirmar o que disse: as afirmações sobre a suposta incompatibilidade e incomensurabilidade dos dois modelos é absolutamente anacrônica. O

reconhecimento à proposta de W, L & H (1968) e aos achados de Labov está hoje presente em trabalhos gerativistas, entre os quais o de Roberts (2007: 295), que, além de minuciosa leitura do referido texto, chama a atenção para o fato de que a variação e mudança sintática estão associadas à *estratificação e a valores sociais* e que o caráter gradual da mudança que se deixa ver na linha do tempo está, sem dúvida, relacionado a *uma variedade de fatores sociolinguísticos e fatores advindos da natureza do sistema gramatical*. É claro que, para os formalistas, essa gradualidade é uma miragem produzida pela observação dos fenômenos durante o (longo) curso da mudança, que segue uma curva em S, quando a competição entre uma nova forma e uma forma conservadora é observada através do tempo. Mas é essa miragem que permite acompanhar o curso da mudança, que, no caso do francês, segundo o próprio Roberts (1993), levou 300 anos para se completar.

Por outro lado, é também interessante ler as palavras de Labov em entrevista à Revista *Letra Magna*, ano 2, n. 2, 2005:¹⁹

Há duas grandes direções da pesquisa linguística hoje. Uma é descobrir as propriedades universais da Faculdade da Linguagem – a busca pela Gramática Universal nos termos de Chomsky. Este é um aspecto muito importante do estudo linguístico, e eu tento fazer uso dos resultados desse trabalho tanto quanto possível. A outra direção é examinar os aspectos da linguagem que não são universais: aqueles que podem mudar e mudam.

Se acrescentarmos que a remarcação do valor de um parâmetro da GU implica necessariamente um período de variação (ou competição) de formas, como espero ter demonstrado aqui, veremos que o exame de tal percurso não pode prescindir da Teoria da Variação e Mudança. Tarallo, sem dúvida, veria sua proposta de trabalho e suas suspeitas absolutamente confirmadas.

Referências:

AVANZI, Mathieu. La dislocation à gauche em français spontané. *Étude instrumentale. Le français moderne*, 2, Neuchatel & de Pris Ouest Nanterre, 2011.

AVELAR, J. & C. GALVES. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: A. Costa; I. Falé; P. Barbosa (Orgs.). *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Textos Seleccionados. Lisboa: APL, p. 49-6, 2011.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, M. Eugênia L.; KATO, Mary A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Univ. de Lisboa, v. 4, p. 11-52, 2005.

BARNES, Betsy K. An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986, p. 207-224.

BELFORD, Eliaine. *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BORGES NETO, José. A ‘incomensurabilidade’ e a ‘compatibilização’ de teorias. *Letras* 38. UFPR, Curitiba, 1989.

_____. A incomensurabilidade e a compatibilização de teorias. In: J. BORGES NETO. *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.

¹⁹ Agradeço à nossa colega Edair Gorsky (UFSC) essa informação. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

BRAGA, M. Luíza. Esta dupla manifestação do sujeito, ela é condicionada linguisticamente. 34^o *Seminário do GEL*. Campinas, SP, 1987, p. 106-115.

BRAGA, M. Luíza; MOLLICA, M. Cecília M. Algumas contribuições para a compreensão do tópico discursivo. 30^o *Seminário do GEL*. UNESP. São José do Rio Preto, SP. Ms, 1985.

_____. Marcas segmentais e/ou supra-segmentais entre o sujeito e o predicado e sua função discursiva. *Linguística: Questões e Controvérsias*. Série ESTUDOS, 12. Uberaba, MG. 24-39, 1986.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, M. H. M. *et alii* (Orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho Editorial, 2003, p. 433-506.

CALABRESE, Andrea. Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In: FUKUI, N; RAPOPORT; SAGEY, E. (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1-46, 1986.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. A topicalização no português do Brasil: sintaxe e prosódia. *Anais do II Congresso da ASSEL-RJ*. Faculdade de Letras, UFRJ. 1993: 89-97.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais na história do português. In: CASTILHO, A.; TORRES-MORAIS, M. A.; LOPES, R.; CYRINO, S. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 375-402.

CAVALCANTE, Sílvia. R. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Rio de Janeiro, v.2, p.63-82, 2007.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CYRINO, Sônia M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt, Editorial Vervuert/Iberoamericana, 2000:163-184.

_____. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese (Doutorado em Linguística), 1994. Universidade de Campinas, Campinas, 1994.

CYRINO, Sônia; DUARTE M. Eugênia. L; KATO, M. A. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt, Editorial Vervuert/Iberoamericana, 2000:55-104.

DUARTE, Inês. *A Construção de Topicalização na Gramática do Português. Regência Ligação e Condições sobre Movimento*. 1987. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.

DUARTE, M. Eugênia. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1993. p. 07-128.

_____. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa: Faperj, 2003, 115-128.

Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

_____. On the embedding of a syntactic change. *Language Variation in Europe: Papers from ICLaVE2*. Uppsala, Sweden: Universitetstryckeriet. 2004: 145-155.

_____. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS; M. A.; LOPES, R.; CYRINO, S. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 35-48.

_____. (Org.). *O sujeito nulo em peças de teatro (1843-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. Avanços no estudo da mudança sintática associando a Teoria da Variação e Mudança e a Teoria de Princípios e Parâmetros. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 57, 1, p. 85-111, 2015.

DUARTE M. Eugênia L.; KATO, Mary A. Mudança Paramétrica e Orientação para o Discurso. *Congresso da APL*, Braga, Portugal, 2008.

_____. Variation in Syntax: null expletives and raised constituents in Brazilian Portuguese. Comunicação, *NWAV*, Chicago, 2014.

DUARTE, M. Eugênia L.; MOURÃO, Gabriela; SANTOS, Heitor. Os sujeitos de terceira pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. *O sujeito nulo em peças de teatro (1843-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 2012, 21-44.

DUARTE, M. Eugênia L.; MOURÃO, Gabriela; GUIMARÃES, Luan. A retomada dos sujeitos proposicionais: categoria vazia ou demonstrativo? In: DUARTE, M. E. L. *O sujeito nulo em peças de teatro (1843-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 69-82.

DUARTE, M. Eugênia. L.; RAMOS, Jânia. Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Panorama Sociolinguístico do Português Brasileiro: teoria, descrição e análise*. São Paulo: Contexto. 2015: 173-195.

DURANTI, Alessandro; OCHS, Elinor. Left-dislocation in Italian conversation. In: T. Givón (ed.), *Syntax and Semantics*: vol. 12. Discourse and Syntax. New York: Academic Press. 377-415, 1979.

FERNANDES, Ulli; DUARTE, M. Eugênia; SOARES DA SILVA, Humberto. Análise diacrônica da ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos no português brasileiro. *Revista Philologos*, UERJ, v. suplemento, 418-428, 2015.

GALVES, Charlotte C. A Sintaxe do Português Brasileiro. *Ensaaios de Linguística*, v. 13. 31-50, 1987.

HOLMBERG, Anders. Null subject parameters. In: T. BIBERAUER et al. (eds.) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010: p. 88-124.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1979.

KATO, Mary A. Sujeito e Tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17: 109-132, 1989.

_____. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-linguística. In: HORA, D. da H.; CHRISTIANO, E. (Orgs.). *Estudos Linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999, 95-106.

_____. Strong and weak pronominals and the null subject parameter. *Probus*, 11, 1: 1-31, 1999.

Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

- _____. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000: 223-258.
- KATO, Mary A.; TARALLO, Fernando. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C. (Eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 1986, p.343-358.
- KATO, Mary A.; DUARTE, M. Eugênia L. A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no português brasileiro, *Revista Sociodialeto*, v. 4, n. 12, 153-177, 2014.
- KROCH, Anthony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language, Variation and Change*, v, 1, p. 199-244, 1989.
- LI, Charles-N.; THOMPSON, Sandra. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C-N (ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976: 457-489.
- LIGHTFOOT, D. *How to set parameters*. Cambridge, MA: MIT Press. 1991.
- LIRA, Solange de A. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. 1982. Tese (Doutorado em Linguística), University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1982.
- LOPES, Célia R. “Nós” e “a gente” no português falado culto. 1993. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.
- _____. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- _____. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri. *Vervuert/Iberoamericana*, vol. 18, 2003.
- LOPES, Célia; CAVALCANTE, Sílvia. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e clítico-te. *Linguística*, Madrid, v. 25, 2011, p. 30-65.
- MARINS, Juliana. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. 2009. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- MARTINS, Ana M.; NUNES, Jairo. Raising issues in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, p. 53-77, 2005.
- _____. _____. Apparent Hyper-raising in Brazilian Portuguese: Agreement with Topics across a Finite CP. In: PHOEVOPANAGIOTIDIS, E. (Org.) *The Complementizer Phase: Subjects and Operators*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 143-163.
- MENON, Odete. A gente: um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos XXV*, 622-628, 1996.
- MODESTO, Marcello. Null subjects without “rich” agreement. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt, Editorial Vervuert/Iberoamericana, 2000:147-174.
- _____. Sujeitos nulos em línguas de tópico proeminente. *Revista da ABRALIN*, vol. 3, 121-148, 2004.
- _____. Topic Prominence and Null Subjects. In: BIBERAUER, T. (Org.) *The limits of syntactic Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 31-60.

variation. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishers, 2008: 375-410.

MOLLICA, C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. 1977. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica-RJ, Rio de Janeiro, 1977.

NEGRÃO, Esmeralda V. e VIOTTI, Evani. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J.; PETTER, L. & M. (Orgs.). *Africa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008: 179-203.

OMENA, Nelize P. de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica-RJ, Rio de Janeiro, 1978.

_____. A referência à primeira pessoa do plural. *Relatório final: Subsídios do Projeto Censo à Educação*. Vol II, 286-319. UFRJ, 1986.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G. & SCHERRE, M. (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996, p. 183-215.

ORSINI, M. T. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. 2003. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna>

ORSINI, Mônica T. e VASCO, Sérgio L. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. *Diadorim – Revista de estudos linguísticos e literários*. v. 2, RJ: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, p. 83-98, 2007.

PAULA, Mayara N. de. *As construções de deslocamento à esquerda de sujeito no PB: um estudo em tempo real de curta duração*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PAGOTTO, E. G. Sociolinguística. In: PFEIFFER, C. C.; NUNES, J. H. (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem - Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, 49-72.

PAREDES SILVA, Vera L. É isso aí: verbo ser e demonstrativos em função coesiva no português. *Encontro Nacional de Linguística*, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1985.

_____. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PAREDES SILVA, Vera L.; OLIVEIRA, Amanda B. A. de. 'É isso aí': a variação na referência estendida em diferentes gêneros de escrita. In: PAIVA, M. da Conceição; GOMES, Christina A. (Orgs.). *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014, 45-68.

PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes, 1987.

RIVERO, Maria-Luisa. On Left-Dislocation and Topicalization in Spanish. *Linguistic Inquiry*, 2. 363-393, 1980.

RAPOSO, Eduardo P. On the Null Object in European Portuguese. In: JAEGGLI; C. SILVA-CORVALÁN, C. (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986: p. 373-390.

RIZZI, Luigi. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. S.

l.: s. e, 1998.

_____. A parametric approach to comparative syntax: properties of the pronominal system. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London: Longman, 1997, p. 268-285.

ROBERTS, Ian. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1992.

_____. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993: 409-425.

_____. *Diachronic Syntax*. Oxford: OUP, 2007.

TARALLO, Fernando. “‘Era uma vez...’: Estória, História e A história.’ In: *O histórico e o discursivo*. Série Estudos12, Uberaba, Minas Gerais, 1986.

_____. Por uma Sociolinguística Românica Paramétrica: Fonologia e Sintaxe”. *Ensaio de Lingüística*, 13, 1987, p. 51-84.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. In: *Preedição 5*. Campinas, Unicamp, 1989, 315-353. [Reeditado em *Diadorim – Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, UFRJ. vol. 2, 2006,13-42,]

TORIBIO, J. Dialectal Variation in the licensing of null referential expletive subjects. In: PARODI, C.; QUICOLI, C.; SALTARELLI, M.; ZUBIZARRETA, M. L. (Eds.). *Aspects of Romance Linguistics*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1996, 409-432.

VANCE, B. *Null subjects and syntactic change in medieval French*. 1989. Tese (Doutorado), Cornell University, Ithaca/New York, 1989.

VARGAS, A. de S. “A evolução na representação das estratégias pronominais de indeterminação”. In: DUARTE, M. E. L. (Org.). *O sujeito nulo em peças de teatro (1843-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2012, p. 45-68.

VASCO, Sérgio. L. *Construções de tópico em português: as falas brasileira e portuguesa*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

_____. *Construções de tópico na fala popular*. 2006. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/posverna>

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195. (Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006).